

# Tempos do ensinar, aprender e conhecer

LINO DE MACEDO

O

s tempos de escola ocupam, hoje, os primeiros e mais fundamentais anos de nossa vida. Para alguns serão dez; para outros, vinte; e para outros, trinta anos ou mais. As ações que professores, gestores e alunos realizam durante eles fazem toda a diferença para nosso presente, passado e futuro, individual ou coletivo. Que ações são estas? São ações de ensinar e de aprender. A escola é uma “instituição para aprender”, e um aprender que exige um professor! (Meirieu, 2005). Por intermédio dessas ações, constrói-se, pouco a pouco, um corpo de conhecimentos, valores e modos de realização e compreensão. Tais objetos de saber (físicos, lógico-matemáticos, socioculturais, linguísticos, artísticos etc.) vão se construindo e povoando o espaço de nossa vida escolar e pessoal. Este espaço amplifica-se progressivamente para o cotidiano fora da escola e vai iluminando nossos modos de agir como crianças, jovens, adultos ou velhos, na sociedade em que vivemos. Tempo, ações, objetos e espaço compõem o quaterno que estrutura a vida e o conhecimento, ou as decepções por suas dificuldades ou impossibilidades.

Dos tempos de escola, um deles — o que mais nos chama a atenção — é o tempo da aula. É durante ele que professores e alunos interagem em favor de um conhecimento a ser adquirido, de uma disciplina (como conteúdo, matéria, ou habilidade de realizar ou compreender) a ser aprendida, de um valor a ser construído. Analisar os tempos da aula é o principal objetivo deste texto. Que tempos — relativos ao ensinar, ao aprender e ao conhecer — são estes? Quais são as significações de cada um deles? Como se relacionam dois a dois? Como compõem, juntos e indissociavelmente, o fluir de um único tempo, cuja presença assinala a eterna condição para que ações possam acontecer e, por consequência, possam propiciar processos de aprendizagem, de ensino e de desenvolvimento?

## TEMPO DO ENSINAR

O tempo do ensinar é regulado pelo relógio, pelo calendário escolar, pela organização do currículo. É definido por um começo e por um fim. Por exemplo, uma aula

tem cinquenta minutos, um semestre letivo é composto por vinte semanas de aula, tais conceitos devem ser ensinados ao longo de um bimestre. Na escola, as aquisições são distribuídas ou pensadas de modo sequencial, ordenado, homogêneo e regular, pois implica todos os alunos.

O projeto pedagógico de uma escola específica no planejamento os tempos a serem dedicados aos diferentes conteúdos. O encaixe entre eles no mesmo ano ou série escolar bem como de um ano para outro é fundamental. Um conteúdo pode ser pré-requisito para o seguinte. Para a apresentação de um mesmo conteúdo, com um nível de dificuldade maior, supõe-se que o nível anterior tenha sido bem dominado. Os relatórios mensais ou bimensais têm prazo para ser entregues ao coordenador pedagógico. De que serve um bom relatório apresentado uma semana depois da reunião? De que serve um mau relatório concluído na data combinada? Os alunos têm duas horas para fazer a prova, trinta minutos ou um dia para realizar uma tarefa.

Os tempos do ensinar são tempos sociais, coletivos, combinados, que expressam uma necessidade: a escola, como instituição complexa e importante na sociedade atual, precisa funcionar e se estruturar sob um acordo exigente das partes entre si e das partes com o todo. Tudo isto em favor daquilo que a justifica como princípio: temos de aprender coisas que só se aprendem na escola! O Ensino Médio, por exemplo, constitui-se por um conjunto de professores, e seus tempos de atuação, em cada disciplina ou ano, se regulam entre si. Assim, o tempo de formação (o professor ensinando e os alunos aprendendo) deve combinar com o tempo de produção (o professor realizou bem sua tarefa e os alunos estão prontos para aprender os conteúdos seguintes).

Tempos do ensinar são tempos instituídos. Cronos é sua representação simbólica, que exige disciplina e obediência ao que não pode ser de outro modo. Na relação entre caos e cosmos, cosmos deve superar o caos.

## **TEMPO DO APRENDER**

Não se aprende ontem ou amanhã, aprende-se aqui e agora, ou não se aprende. O tempo da aprendizagem é o presente, refere-se à entrega, ao processo de produzir ou adquirir coisas, de vivê-las e de aprender a partir desta experiência. Não importa se este presente é longo ou breve, mas sim o interesse, a qualidade das ações e os recursos mobilizados nos processos de interação do sujeito com seus objetos de saber.

Se o tempo de ensinar tem metas transcendentais, visa a preparação para um futuro melhor, para algo que está além do que acontece agora, o tempo do aprender é imanente. Está voltado para dentro dos aspectos que estão em jogo nas interações, para os desafios, para a alegria ou a tristeza, o sucesso ou o fracasso do que está acontecendo. Quando o trabalho e a realização de uma tarefa estão valendo a pena, estão fluindo na direção pretendida, nem se vê o tempo passar, nem

se considera o que se fará depois. Ao contrário, se o que acontece é chato, desagradável, não faz sentido, muda-se de canal, interrompe-se a atividade. Para alguns alunos, dez minutos de explicação ou de realização de uma tarefa são suficientes para “entenderem” o que está sendo dito ou se sentirem “satisfeitos” com sua produção. Para outros, no entanto, são necessárias muitas horas de estudo ou trabalho.

O processo de aprendizagem é pessoal, de cada um, ainda que o objetivo de aprender seja de todos. Um professor pode ensinar, ao mesmo tempo, para muitos alunos, mas não pode aprender no lugar de cada um deles, ou de todos eles. O tempo de ensinar pode ser homogêneo, multívoco; o tempo de aprender é singular, diferente para cada um, unívoco. Por isto, na escola o tempo de aprender, portanto dos alunos, implica a gestão (pelos professores) das diferenças, ainda que todos estejam lá pelo mesmo objetivo. Daí, na perspectiva do tempo, as tensões ou conflitos inevitáveis entre ensinar e aprender, por mais que esta relação nos pareça bem-intencionada, convergente.

É que aprender não se relaciona apenas com o ensinar, mas depende, igualmente, dos processos de desenvolvimento do aluno que aprende e de como interage com os objetos a serem conhecidos e os procedimentos (de compreensão e realização) e valores requeridos para isto. Piaget (1976) denominou “zona de assimilação” a esse tempo e lugar onde os processos de aprendizagem podem ser positivos, pois consideram as “normas de reação” ou a competência do sujeito que aprende.

O problema é que às vezes há conflito entre os interesses e as necessidades do tempo de ensinar com as possibilidades e motivações do aprender, se considerado em relação aos limites das estruturas e funções cognitivas que o tornam possível. O tempo do ensinar é feito de prazos e acordos curriculares. Tem limites de começo e fim. Depende do que está previsto no calendário escolar e da sequência proposta para o desenrolar das matérias. O tempo do desenvolvimento, com as aprendizagens que expressam e pouco a pouco exigem a transformação das estruturas e funções que o caracterizam, pode ser lento e insuficiente para o que se quer ensinar. Depende não só de uma boa mediação do professor, mas das ações de cada aluno em seus processos de desenvolvimento e aprendizagem, depende da qualidade de suas interações com o meio, das influências sociais e culturais, dos exercícios e condições orgânicas. Nestes termos, fazem sentido as provocações de Piaget (1976) quanto à pretensão dos métodos que pretendem que se possa aprender, desconsiderando os processos de desenvolvimento: 1) “As aquisições obtidas são estáveis ou apagam após algum tempo?”, 2) “As acelerações nos processos de desenvolvimento trouxeram consequências negativas (desvios que perturbam a compreensão ou realização das crianças?)”, 3) “As crianças tornam-se dependentes de seus professores, a ponto de não aprenderem mais nada sem eles?” (p. 12).

Tempos do aprender são tempos procedimentais. *Kairós* é sua representação simbólica, que exige dedicação e paciência ao que não pode ser de outro modo. Na relação entre caos e cosmos, caos e cosmos estão indiferenciados.

## TEMPO DO CONHECER

A escola tem função cognitiva (Meirieu). Os alunos devem aprender, os professores devem ensinar. Aprender e ensinar objetos de saber, isto é, conhecimentos, métodos e valores que se referem ao que a sociedade pôde construir em seu passado e que assume como importante para o futuro de seus alunos e de si mesma. Faz quantos séculos ou milênios que ler e escrever têm sido bons para nós? Por mais quantos séculos ou milênios isto continuará sendo assim, não importando — em termos de valor — o efeito das inovações tecnológicas sobre seus modos ou recursos de expressão? O mesmo se aplica às artes, às matemáticas e a outros conhecimentos científicos. É certo que investigações em cada campo corrigem erros ou modos de compreensões estabelecidos, descobrem ou inventam novas possibilidades de realização. O fato é que aquilo que se aprende e ensina na escola tem valor passado e tem valor futuro, mesmo que os alunos não possam de imediato abstrair esta conclusão no presente ou cotidiano de suas aulas. Daí a importância de se articular os três tempos: o que vale antes e depois deve ter significação positiva para quem pratica esses conteúdos e procedimentos, aqui e agora.

Este é um dos desafios que o professor enfrenta no cotidiano da aula: se o tempo didático é regulado por datas, horários e sequências delimitadas, aquilo que se transmite por intermédio dessas restrições tem valor duradouro. Como coordenar os dois? Como não se deixar abater por limites cronológicos e fazer triunfar o que não está restrito a eles? Como possibilitar que os alunos compreendam ou ao menos intuem que estão aprendendo coisas que têm valor de inclusão, pertencimento ou emancipação? Quem aprende a ler, a escrever ou a calcular bem, por exemplo, passa a pertencer à comunidade das pessoas que dominam tais competências e habilidades. E isto tem valor futuro, pois estas pessoas, não por acaso, têm recursos de realização e de compreensão muito maiores do que aquelas que não puderam efetuar tais conquistas. E isto também tem valor passado, pois tais conhecimentos foram criados e aperfeiçoados há muito tempo e expressam o melhor que nossos antepassados viveram ou pensaram sobre estes domínios. Por mediação e instrução do professor, mesmo que em um contexto que requer delimitação de prazos e agendas, o aluno é assim inserido na linha do tempo e pode, em seu presente, encontrar-se — graças igualmente ao processo de sua aprendizagem — com um passado e um futuro significativo para ele e sua sociedade.

Os tempos do conhecer referem-se, pois, aos tempos do objeto, ou seja, daquilo que se quer ou que se deve aprender. Este objeto é o do conhecimento. De que serve uma boa relação professor-aluno se ela não inclui conteúdos, procedimentos e valores disciplinares? Qual é o sentido de se ensinar pela ameaça, punição ou medo algo com valor positivo (foi bom no passado e será bom no futuro)? Ou seja, o uso do negativo justifica a “aprendizagem” do positivo? Se este positivo está associado, na perspectiva do aluno, ao negativo ou desagradável, isto será bom ou interessante para ele?

O desafio de se ensinar respostas, informações ou ferramentas de valor passado e de valor futuro, pelo que questionamos acima, é saber fazê-lo em um contexto de per-

guntas, situações-problema, desafios, jogos ou projetos que tenham significação para os alunos. Isto é muito difícil para nós, professores, pois estamos sempre entre um tempo — o didático — determinado e a ser controlado, e outro tempo — o da aprendizagem — a ser observado e respeitado, pois se refere aos alunos e aos modos como se relacionam com as tarefas, exercícios ou exposições do professor. A forma que usualmente praticamos para conciliar tempo didático delimitado (pela aula ou projeto pedagógico) e tempo do conhecimento ilimitado (por seu passado e futuro) consiste em dar boas respostas, fazer exposições, dar palestras, mostrar imagens, discursar ou dar lições sobre os temas ou conteúdos das disciplinas. O problema desta pedagogia da resposta é que muitas vezes não sabe incluir o processo de aprendizagem do aluno, pois não considera a relatividade e a complexidade requerida por esse tempo. Para alguns alunos pode até funcionar, mas para muitos outros não. É que a linguagem verbal, discursiva ou visual pode ser um bom recurso de transmissão para o professor, mas não necessariamente para os alunos, pois estes — devido aos seus processos de desenvolvimento — aprendem melhor pela linguagem de suas próprias ações ou operações. De que vale dizer, e às vezes bem, um conhecimento passado e futuro se aqueles que escutam não sabem, não podem ou não querem compreendê-lo, no aqui e agora da aula?

Tempos do conhecer são tempos de relacionar presente, passado e futuro. *Éon* é sua representação simbólica, que exige disponibilidade e disciplina ao que visa o eterno (tempos *kalpa*), mesmo sabendo-o “provisório” e aperfeiçoável. Na relação entre caos e cosmos, caos e cosmos integram-se.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: COMO ATUAR NA ZONA DE ASSIMILAÇÃO?

No Prefácio ao livro *Aprendizagem e estruturas do conhecimento*, Piaget apresentou a noção de zona de assimilação. Nela ele reflete sobre a importância e as dificuldades de se coordenar as relações aprendizagem, ensino e desenvolvimento (das estruturas cognitivas que possibilitam o conhecimento). No presente texto, pela categoria do tempo, analisamos algumas formas de interações entre elas e a complexidade das relações entre aprender, ensinar e conhecer. No texto de Piaget, ele analisa o valor dos métodos (de ensino ou manejo experimental) e igualmente seus limites. Quais são eles (os valores e os limites)? As interações entre processos de aprendizagem e desenvolvimento podem se apresentar de duas formas: 1) ao se provocar ou favorecer as relações entre duas noções (de número e medida, por exemplo) criam-se desequilíbrios, em que um fator exerce a função de perturbação para o outro; 2) ao contrário, a relação acontece, e um ou o outro desempenha o papel de mediador (ou intermediário lógico). No primeiro caso, Piaget analisa o papel construtivo das contradições, regulações e compensações quando se apresentam situações-problema, cujas interações perturbam as significações, ainda que insuficientes, conhecidas pelo sujeito. No segundo, ele introduz a noção de mediador (lógico), construído pelo sujeito, e sua função, também construtiva, ao

possibilitar a aquisição de novas relações. Em ambas as situações ele valoriza o papel de métodos de aprendizagem, que consideram a perspectiva do desenvolvimento, isto é, que atuam na zona de assimilação do sujeito. Sobre estes métodos, descreve três efeitos: 1) nulo, quando não acontece nem perturbação nem progresso, quanto ao que se pretendia ensinar; 2) positivo, quando há de fato uma aceleração quanto ao processo de desenvolvimento espontâneo do sujeito, isto é, sem intervenção didática ou experimental; e 3) negativo, quando se criam conflitos, mas estes não têm valor de urgência nas superações.

Piaget conclui seu Prefácio fazendo três observações (que aqui apresentaremos como perguntas) sobre métodos de aprendizagem que desconsideram a perspectiva do desenvolvimento, isto é, que só atuam na perspectiva do ensino. Tendo em vista os propósitos de nosso texto, penso ser importante refletirmos sobre suas questões. É o que faremos, agora, como considerações finais deste ensaio.

1. *As aquisições, obtidas por intermédio da aprendizagem, são estáveis ou apagam após algum tempo?*

Esta pergunta de Piaget é importante na escola. Refere-se ao tempo das aprendizagens. Quanto dura uma aprendizagem escolar? Sabemos que a aprendizagem de conteúdos ou de informações são esquecidas facilmente. Hoje, a ênfase é sobre a aprendizagem de competências e habilidades, ou seja, de aprendizagens que favorecem o desenvolvimento de estruturas cognitivas e de esquemas de ação ou operações mentais. Refere-se, pois, a uma aprendizagem inteligente, que qualifica o aluno para antecipar, fazer escolhas, argumentar, planejar, trabalhar e conviver em grupo, desenvolver projeto, saber buscar, criticar, guardar e recuperar informações. Em outras palavras, se a criança esquece aquilo que aprendeu, sabe recuperar a informação? Quando um mesmo conteúdo é retomado para ser aprofundado, o que a criança aprendeu funciona como conhecimento prévio importante ou não? A criança sabe rever, recuperar, guardar as informações?

Há hoje na escola um conflito de “culturas”. Os professores e a escola funcionam e acreditam no tempo da cultura oral e escrita. As crianças e jovens conhecem e funcionam no tempo da cultura visual e digital. Cultura oral e escrita, porque nesta instituição apoia-se em relações diretas, presentes das pessoas entre si. O professor fala para seus alunos; conta histórias, explica, corrige, dá tarefas, desenvolve projetos. A linguagem oral (percepções, sensações, falas, expressões, gestos, trocas face a face) e a linguagem escrita (textos para ler, cadernos para escrever, discussões, desenhos, imagens textuais) fundamentam a prática da sala de aula. Cultura visual e digital, porque crianças e jovens em suas casas, na comunidade onde vivem, passam boa parte do tempo vendo televisão, ouvindo música, brincando com jogos eletrônicos, conversando no celular ou jogando no computador. Vivem em uma cultura em que estas tecnologias estão presentes e organizam cada vez mais o cotidiano de suas vidas. Seus pais fazem compras pelo computador, a internet permite criar comunidades no Orkut. Mesmo crianças e jovens pobres têm acesso direto e cada vez mais “fácil” a essas tecnologias (é difícil hoje uma casa

sem televisão, máquina fotográfica, telefone celular, por exemplo). Ainda que nas escolas, igualmente, essas tecnologias estejam presentes, o modo de funcionamento, o “clima” que circula na escola é outro. Por exemplo, no âmbito geral da cultura não é necessário um professor para crianças e jovens se relacionarem entre si ou com as coisas. A transmissão e a “capacitação” para o uso se faz de modo direto, via exploração pessoal ou pelo colega. As coisas da escola, os objetos de saber necessitam de um professor e ainda requerem o melhor daquilo que caracteriza a cultura oral e a escrita.

Considerando o que dissemos, o tempo didático e o tempo “tecnológico” nos termos em que crianças e jovens aprendem a utilizar são inversos. O tempo didático é lento e calmo. Na televisão, por exemplo, dois minutos são mais do que suficientes para que uma matéria seja narrada ou criticada. Na sala de aula, dois minutos mal servem para o professor se preparar para seu discurso e os alunos se “acalmarem” para ouvi-lo! Além disso, na televisão dispõe-se de um controle remoto, que possibilita mudar de canal, se o programa está chato. Na aula, este controle, por ser impossível, é substituído pela distração, pelo “torpedo” no celular, por uma brincadeira, ou pela verificação de uma mensagem no celular.

O que sobra ou resta de um conteúdo aprendido? Do que a criança tem saudade? O que leva consigo como valor, habilidade, informação que tem efeito, interage com sua vida?

O processo de aprendizagem, do ponto de vista funcional, implica assimilação cognitiva e afetiva. Cognitiva porque se refere ao domínio dos procedimentos ou esquemas de assimilação do sujeito. Afetiva porque aquilo que o sujeito assimila tem valor para ele, corresponde ou satisfaz a uma necessidade ou interesse. As crianças se interessam pelas matérias escolares?

## 2. *As acelerações nos processos de desenvolvimento trouxeram consequências negativas (desvios que perturbam a compreensão ou a realização das crianças)?*

Por intermédio desta segunda pergunta, Piaget questiona o valor de métodos de ensino que julgam ser sempre possível acelerar, ou “puxar”, o desenvolvimento, independentemente dos recursos de reação ou assimilação do sujeito que aprende. Em outras palavras, quais são os limites da educabilidade, ainda que ela justifique nossa função docente?

Vivemos tempos em que as crianças e jovens são estimulados ou exigidos a se comportar ou se interessar por coisas que estão muito além do que é próprio para suas idades. Na escola, por exemplo, a expectativa é que crianças se alfabetizem cada vez mais cedo, que aprendam a cuidar de si, que se tornem “independentes”. Roupas, brincadeiras, filmes, modos de relacionamento, participação na vida da família ou dos problemas enfrentados pelos adultos estimulam a “inclusão” de crianças pequenas, às vezes sem recursos cognitivos ou condições afetivas para estas relações. Ao contrário, adultos e sobretudo velhos tentam desacelerar o tempo, adiar ou pospor seu fluxo contínuo. As tecnologias da saúde possibilitam hoje toda a sorte de intervenções para que nosso corpo pareça mais jovem!

Qual a vantagem de acelerar o tempo no caso das crianças e jovens? Qual a vantagem de “reter” ou atrasar o tempo no caso dos velhos? Aprendemos a desacreditar nos níveis ou estádios de desenvolvimento, nos ciclos da vida, nos tornamos “especialistas” em “puxar” processos de desenvolvimento, em transmitir “qualquer coisa, para qualquer pessoa, em qualquer tempo”. Aceleramos muito no começo e depois queremos impedir ou brechar no fim, como se fosse possível ou desejável permanecer no meio — adultos jovens! Adultos para termos acesso a todos os bens de consumo, a todas as possibilidades de participação. Jovens para termos energia, vitalidade e beleza ou condições para isto. Como aprender ou apreender o tempo?

3. *As crianças tornam-se dependentes de seus professores, a ponto de não aprenderem mais nada sem eles?*

Esta é a terceira e última questão colocada por Piaget aos que praticam métodos de ensino ou de aprendizagem que desconsideram o fator desenvolvimento. Trata-se, igualmente, de uma pergunta sobre o tempo, tempo de se emancipar das coisas da escola, da atuação direta dos professores, porque agora valores, procedimentos e conteúdos relativos aos objetos do saber fazem parte de nós.

O maravilhoso da escola é que ela trata de aprendizagens, que todos hoje temos o direito e a necessidade de aprender (individual ou coletivamente), e de aprendizagens que exigem a complexidade do processo didático, que exigem a presença de professores qualificados para isto. No âmbito da cultura em geral, sobretudo em uma sociedade do conhecimento, da tecnologia, consumista e globalizada como a nossa, é vital aprender, mas não necessariamente com um professor. A relação direta e interessada com a tecnologia, suas instruções ou tutoriais são suficientes para isto. Com respeito às coisas da escola, contudo, parece que nosso destino é o de eternos alunos. Trocamos de professor, de escola, de temas ou conteúdos de estudo, mas nos tornamos dependentes da escola. Sem um professor ou tutor externo, sem suas exigências, paramos de estudar.

Há um tempo de aprender na escola, com professores. Há um tempo de continuarmos estudando, interessados por livros e busca do conhecimento, mas por disciplina e valor pessoal. Como se libertar da escola, ao preço de ter se tornado um eterno estudante, de ter aprendido a fazer pesquisas por si mesmo. Em uma sociedade do conhecimento, tecnológica, nossa relação constante e disciplinada com o processo de aprendizagem é necessária. O mesmo vale para os professores. Eles precisam se aperfeiçoar continuamente, ler livros, buscar conhecimentos, consultar a internet, atualizar-se sistematicamente. Como se tornar gestor de seu próprio processo de aprendizagem e desenvolvimento? É isto o que significa autonomia para Piaget. Ser autônomo significa pertencer, porque se emancipou e agora pode fazer parte, respeitar, cooperar. Um aluno que aprende a ler bem está “livre” da necessidade de que leiam para ele, pois agora pertence à comunidade dos leitores e pode se informar, por si mesmo, por meio dos livros.

Crianças e jovens que se tornam dependentes de seus professores ficam muito restritas. Não se tornam responsáveis pela continuidade do processo de aprender que



nunca se conclui. Relação de aprendizagem, de busca, de crítica, de autoaperfeiçoamento. Isto requer abandonar a posição de aluno e assumir a de estudante, ou seja, de que se relaciona diretamente com o processo e a necessidade de conhecer mais, fazer escolhas etc. Na escola as coisas são muito centradas no professor (em termos positivos ou negativos), mas um ensino que não liberta o aluno de seu professor não se provou eficaz.

Sobre as influências do meio, Piaget recorre a Bèjin, para defender sua posição: “O sistema cognitivo não é o que o meio faz dele: ele é o que faz do que o meio faz dele” (Inhelder, García e Vonèche, 2006, p. 20). Nos anos de escola, o tempo do aprender depende do tempo de ensinar, porque é nele que se insere, ao modo dela, o tempo do conhecer. Porém, o que a aprendizagem conhece não é aquilo que se ensina, mas o que ela faz daquilo que se ensina. Por isto, o professor é um profissional da aprendizagem, e a aprendizagem, na escola, é o conhecimento do mundo, construído por um sujeito, ao mesmo tempo individual e coletivo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEIRIEU, P. *O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender*. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.

PIAGET, J. Teses adicionais. In: INHELDER, B.; GARCÍA, R.; VONÈCHE, J. *Epistemologia genética e equilíbrio*. Tradução Jorge Correia Jesuíno. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: INHELDER, B; BOVET, M.; SINCLAIR, H. *Aprendizagem e estruturas do conhecimento*. Tradução Maria Aparecida Rodrigues Cintra e Maria Yolanda Rodrigues Cintra. São Paulo: Saraiva, 1976.